

Nicholas Sparks
e Micah Sparks

Três semanas
com meu irmão

uma história real





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para a nossa família, com amor



*O amigo ama em todos os momentos;
é um irmão na adversidade.*

Provérbios 17:17



PRÓLOGO

A ideia deste livro surgiu a partir de um panfleto que recebi pelo correio na primavera de 2002.

Era um dia comum na casa da família Sparks. Eu tinha passado boa parte da manhã e o começo da tarde trabalhando no romance *Noites de tormenta*, mas o texto não estava fluindo bem e eu me esforçava para recuperar o tempo perdido. Não havia escrito tanto quanto pretendia nem tinha ideia do que escreveria no dia seguinte, então meu humor não era dos melhores quando finalmente desisti e desliguei o computador.

Não é fácil conviver com um escritor. Sei disso porque minha esposa me falou – e ela o repetiu nesse dia. Para ser sincero, não é a coisa mais agradável de se ouvir, e, embora eu ficasse na defensiva com frequência, passei a compreender que essas discussões nunca teriam solução. Então, em vez de discordar, aprendi a segurar as mãos dela, olhar em seus olhos e responder com as quatro palavras mágicas que todas as mulheres querem ouvir:

– Você tem razão, querida.

Algumas pessoas acham que, por eu ser relativamente bem-sucedido como autor de livros, escrever deve ser uma tarefa fácil para mim. Muitos imaginam que eu simplesmente anoto durante algumas horas as ideias que me vêm à mente e passo o resto do tempo relaxando na piscina com minha esposa enquanto conversamos sobre a próxima viagem exótica que faremos nas férias.

Na verdade, não somos tão diferentes das outras famílias de classe média. Não temos um monte de empregados nem viajamos o tempo todo e, embora no quintal haja uma piscina cercada por espreguiçadeiras, não consigo me lembrar da última vez em que elas foram usadas, já que nem eu nem minha esposa temos muito tempo livre durante o dia. No meu caso, a razão é o trabalho. No caso dela, é a família. Ou, mais especificamente, nossos filhos.

Bom, nós temos cinco filhos. Não seria um número muito grande se estivéssemos em uma missão colonizadora, mas nos dias de hoje é o bastante para deixar algumas pessoas surpresas. Quando estávamos viajando ano passado, começamos a conversar com um jovem casal. Um assunto levou a outro e finalmente a questão dos filhos surgiu. Eles tinham dois e logo mencionaram seus nomes. Então minha esposa disparou os nomes dos nossos.

Seguiu-se um silêncio por um momento, enquanto a outra mulher tentava entender se tinha ouvido bem.

– Vocês têm cinco filhos? – ela quis confirmar, afinal.

– Sim.

A mulher colocou a mão no ombro da minha esposa em um gesto de empatia.

– Você é louca?

Nossos meninos têm 12, 10 e 4 anos. As meninas, gêmeas, estão quase fazendo 3, e, embora existam muitas coisas que eu não entenda sobre o mundo, eu *sei* que crianças têm uma forma engraçada de relativizar as coisas. Os mais velhos sabem que eu escrevo livros para me sustentar, ainda que às vezes eu duvide que eles entendam o que significa criar uma obra de ficção. Por exemplo, quando perguntaram para o meu filho de 10 anos, durante uma apresentação na escola, o que o pai fazia da vida, ele estufou o peito e declarou com orgulho: “Meu pai brinca no computador o dia inteiro!” O primogênito, por outro lado, costuma me dizer – com muita seriedade – que “escrever é fácil. O difícil é digitar”.

Trabalho em casa, assim como muitos escritores, mas a semelhança termina por aí. Meu escritório não é um santuário inalcançável num andar superior. A porta dá diretamente para a sala de estar. Já li que algumas pessoas precisam ter uma casa silenciosa para conseguirem se concentrar.

Por sorte, nunca precisei de silêncio para trabalhar. Suponho que isso seja algo bom, caso contrário, eu nunca teria escrito nada.

Nossa casa passa por um turbilhão de atividades a partir do momento em que minha mulher e eu saímos da cama até desabarmos nela ao fim do dia. Ficar um tempo em nossa casa deixaria qualquer um exausto. Em primeiro lugar, nossos filhos têm energia. Muita, muita energia. Quantidades *absurdas* de energia. Multiplicada por cinco, é energia suficiente para abastecer a cidade de Cleveland. Além disso, as crianças têm um mecanismo meio mágico de se alimentar da energia umas das outras, cada uma consumindo e espelhando a carga dos irmãos. A energia, então, é transmitida para os três cachorros e até mesmo para nossa *própria casa*.

Um dia típico inclui: pelo menos uma criança doente; brinquedos recém-guardados que reaparecem como um passe de mágica espalhados na sala de estar; cachorros latindo; crianças rindo; o telefone tocando insistentemente; carteiros entregando encomendas; crianças reclamando; lições de casa perdidas; utensílios quebrados; trabalhos escolares que, de alguma forma, nossos filhos se esquecem de mencionar até o último minuto; treino de beisebol, de ginástica, de futebol americano e de tae kwon do; gente consertando coisas; portas batendo; crianças correndo pelo corredor, jogando, provocando umas às outras, pedindo guloseimas, chorando porque caíram, aninhando-se em nossos colos ou então reclamando porque precisam de você NESTE INSTANTE!

Depois de passarem uma semana em nossa casa, meus sogros não veem a hora de ir para o aeroporto e voltar para sua cidade. Os dois partem com olheiras profundas e a expressão traumatizada de veteranos de guerra que acabaram de sobreviver ao desembarque. Em vez de se despedir, meu sogro meneia a cabeça e sussurra: “Boa sorte. Você vai precisar.”

Minha esposa aceita tudo o que acontece em nossa casa como algo normal. Ela tem muita paciência, e é raro vê-la nervosa. Ela parece, de fato, gostar da coisa na maior parte do tempo. Cathy, eu poderia dizer, é uma santa.

Ou isso, ou talvez ela seja realmente louca.

Aqui em casa é minha função cuidar das cartas. Alguém tem que fazê-lo, afinal, então, no decorrer do casamento, essa foi uma das pequenas responsabilidades que caíram no meu colo.

O dia em que recebi o panfleto pelo correio foi como qualquer outro. Lexie, que tinha 6 meses de idade, estava com um resfriado e se recusava a deixar o colo da mãe; Miles tinha pintado o rabo do cachorro com tinta fluorescente e o exibia com orgulho; Ryan precisava estudar para uma prova, mas tinha esquecido o livro na escola e decidiu “resolver” o problema analisando a quantidade de papel higiênico que conseguia colocar na privada e dar descarga; Landon estava pintando as paredes – de novo – e eu não consigo lembrar o que Savannah estava fazendo, mas não tenho dúvida de que era algo preocupante, visto que, aos 6 meses, já podia aprender com os irmãos.

Acrescente a esse cenário a televisão estridente, o jantar sendo preparado, os cachorros latindo e um telefone tocando – o rugido caótico parecia alcançar um nível doentio. Suspeitei que talvez até mesmo minha mulher, por mais santa que fosse, pudesse estar quase perdendo a cabeça. Afastando-me do computador, respirei fundo e saí de trás da mesa. Andei até a sala, dei uma olhada no caos instaurado ali e, com instintos que só os homens parecem possuir, eu soube exatamente o que fazer. Pigarreei, senti que todos me olhavam atentamente por um instante e anunciei com calma:

– Vou ver se a correspondência já chegou.

No minuto seguinte, já estava do lado de fora.

Nossa casa fica um pouco afastada da rua, então a caminhada de ida e volta até a caixa de correio costuma levar uns cinco minutos. No momento em que fechei a porta atrás de mim, a confusão deixou de existir. Fui andando devagar, saboreando o silêncio.

Quando voltei, notei que minha esposa estava tentando limpar as migalhas babadas de biscoito de sua camisa enquanto segurava os dois bebês ao mesmo tempo. Landon se encontrava aos seus pés e puxava-lhe a calça jeans a fim de chamar sua atenção. Enquanto isso, ela ajudava os garotos mais velhos com o dever de casa. Meu coração se encheu de orgulho pela habilidade que ela tinha para fazer tantas coisas ao mesmo tempo com tamanha eficiência, então estendi a pilha de cartas para que ela pudesse ver.

– Peguei a correspondência.

Cathy ergueu os olhos.

– Não sei o que faria sem você. Você ajuda tanto por aqui – respondeu ela.

– Só estou fazendo o meu trabalho. Não precisa me agradecer.

Como qualquer pessoa, preciso separar as muitas correspondências inúteis das cartas importantes. Paguei as contas, dei uma lida rápida em alguns artigos de revistas e estava prestes a jogar todo o resto no lixo quando notei o panfleto que tinha colocado na pilha a ser descartada. Vinha do gabinete de ex-alunos da Universidade de Notre Dame e anunciava uma “Jornada às terras dos adoradores do céu”. A excursão tinha o nome de “Céu e Terra” e seria uma viagem ao redor do mundo no decorrer de três semanas entre janeiro e fevereiro de 2003.

“Interessante”, pensei, e comecei a examinar o panfleto. A expedição – em um jato particular, ainda por cima – passaria por lugares como as ruínas maias na Guatemala, as ruínas incas no Peru, as estátuas gigantes da Ilha de Páscoa e as Ilhas Cook, na Polinésia. Também haveria paradas em Uluru, na Austrália; em Angkor Wat, nos Campos de Extermínio e no Museu do Genocídio em Phnom Penh, no Camboja; no Taj Mahal e na Fortaleza Amber em Jaipur, na Índia; nas catedrais de pedra de Lalibela, na Etiópia; no Hipogeu e em outros templos antigos em Malta; e, se o tempo permitisse, uma chance de ver a aurora boreal em Tromsø, na Noruega, uma cidade localizada a mais de 480 quilômetros ao norte do Círculo Polar Ártico.

Eu era fascinado por culturas antigas e terras distantes quando criança. Lendo as descrições de cada parada, eu pensava: “Eu sempre quis ver isso.” Era uma oportunidade de fazer uma viagem única para lugares que permaneciam na minha imaginação desde que eu era garoto. Quando terminei de examinar o panfleto, suspirei e pensei: “Quem sabe um dia...”

Naquele momento eu não tinha tempo. Três semanas longe das crianças? Da minha mulher? Do trabalho?

Impossível. Era ridículo. Eu devia deixar aquilo para lá. Coloquei o panfleto no fundo da pilha.

Mas o que aconteceu é que eu *não consegui* esquecer a viagem.

Bem, sou uma pessoa realista e imaginei que Cat (como costume chamar Cathy) e eu tivéssemos uma chance de viajar em algum momento no futuro. Mas, ao mesmo tempo que eu sabia que um dia talvez conseguisse convencê-la a viajar comigo para ver o Taj Mahal ou Angkor Wat, não havia a menor possibilidade de irmos à Ilha de Páscoa, à Etiópia ou às florestas da Guatemala. Aqueles locais ficavam tão distantes uns dos outros e

havia tantas outras coisas para ver e lugares para conhecer no mundo que viajar para regiões remotas sempre cairia na categoria de “Quem sabe um dia...”. Eu tinha quase certeza de que aquele dia nunca chegaria.

Mas eu tinha em minhas mãos a chance de fazer tudo numa tacada só. Dez minutos depois, quando a cacofonia na sala de estar cessara tão misteriosamente quanto havia surgido, eu estava na cozinha com minha esposa e o panfleto aberto sobre a bancada. Apresentei os fatos mais importantes como uma criança descrevendo um acampamento de verão, e Cat, já bastante acostumada com os meus arroubos de fantasia, apenas escutava enquanto eu tagarelava. Quando terminei, ela assentiu.

– Hum... – disse ela.

– Esse é um “hum” bom ou ruim?

– Nenhum dos dois. Só estou me perguntando por que você está me mostrando isso. Não poderíamos ir.

– Eu sei. Só pensei que talvez você gostasse de ver – respondi.

Minha esposa, que me conhece melhor do que ninguém, sabia que não era só isso.

– Hum – repetiu.

Dois dias depois estávamos passeando pela vizinhança. Nossos filhos mais velhos andavam mais rápido, à nossa frente, e os outros três estavam nos carrinhos de bebê. Toquei de novo no assunto.

– Eu estava pensando naquela viagem – comecei, tentando parecer casual.

– Que viagem?

– Aquela que dá a volta ao mundo. A do panfleto que eu lhe mostrei.

– Por quê?

– Bem – respirei fundo –, você gostaria de ir?

Ela deu alguns passos antes de responder:

– É claro que eu gostaria de ir. Parece maravilhoso, mas é impossível. Não posso deixar as crianças por três semanas. E se acontecesse alguma coisa? Não tem como a gente voltar numa emergência. Aliás, quantos voos vão para um lugar como a Ilha de Páscoa? Lexie e Savannah ainda são bebês, precisam de mim. Todos eles precisam de mim... – Ela fez uma pausa.

– Talvez outras mães pudessem ir, mas eu não.

Concordei. Já sabia qual seria a resposta dela.

– Você se incomodaria se eu fosse?

Cat olhou para mim. Eu já tinha feito viagens extensas a trabalho, turnês para promover livros com duração de dois ou três meses por ano, e o tempo que eu passava fora era muito difícil para a minha família. Apesar de não estar sempre disposto a mergulhar de cabeça no caos, não sou *completamente* inútil em casa.

Minha mulher tem uma rotina que a faz sair de casa com frequência. Além dos cafés da manhã casuais com as amigas, ela faz trabalho voluntário na escola, vai à academia, joga bunco com um grupo de senhoras e sai para resolver diversas questões. Nós dois sabíamos que ela precisava sair de casa para não enlouquecer. Nessas horas eu acabo sendo pai sozinho. Mas quando estou viajando é quase impossível para ela manter sua rotina. E isso não é bom para o seu estado mental.

Além disso, nossos filhos gostam de ter nós dois por perto. Quando estou fora, o caos na casa se multiplica – se é que isso é possível –, como se preenchesse o vazio da minha ausência. Portanto, as viagens que eu faço são bastante cansativas para a minha esposa. Ela entende que fazem parte do meu trabalho, mas isso não quer dizer que goste delas.

Eu tinha feito uma pergunta difícil.

– Isso é mesmo tão importante assim para você? – perguntou ela, afinal.

– Não – respondi, sendo sincero. – Se você não quiser que eu vá, não vou. Mas eu gostaria de ir.

– E você iria sozinho?

Meneei a cabeça.

– Na verdade estava pensando em ir com Micah – falei, referindo-me ao meu irmão.

Caminhamos em silêncio por algum tempo antes de ela olhar para mim.

– Acho que seria uma ideia maravilhosa – disse Cat.

Quando voltamos da caminhada, ainda um pouco incrédulo, entrei no escritório e liguei para meu irmão na Califórnia.

Ouvi o telefone chamar, o som mais distante do que o de um telefone fixo. Micah nunca atendia o telefone de casa; se eu quisesse falar com ele, tinha que ligar para o celular.

– Ei, Nicky! Como estão as coisas? – perguntou ele.

Meu irmão tem identificador de chamadas e continua me chamando pelo meu apelido de infância. Fui chamado de Nicky até o sexto ano.

– Tenho uma coisa para dizer e acho que vai lhe interessar.

– Então diga.

– Recebi um panfleto pelo correio, e.... Bem, resumindo, eu estava pensando se você toparia fazer uma viagem ao redor do mundo comigo. Em janeiro.

– Que tipo de viagem?

Passei alguns minutos descrevendo os pontos mais importantes, folheando o panfleto enquanto falava. Quando terminei, ele ficou mudo.

– É sério? – perguntou Micah depois de um instante. – E a Cat vai deixar você ir?

– Ela disse que sim... Olhe, sei que é uma decisão importante, então não precisa me responder agora. Temos bastante tempo até a data de confirmação. Só queria que pensasse nisso. Quero dizer, sei que vai precisar falar com Christine. Três semanas é bastante tempo.

Christine é a minha cunhada. Do outro lado da linha consegui ouvir o choro distante de sua filha recém-nascida, Peyton.

– Não acho que ela vá se importar. Mas vou conferir e ligo de volta.

– Quer que eu envie o panfleto?

– Claro. Eu tenho que saber para onde vamos, certo?

– Vou mandar por FedEx hoje – respondi. – Ahn, Micah?

– Sim?

– Essa vai ser a viagem das nossas vidas.

– Tenho certeza disso, irmãozinho.

Quase consegui ver Micah sorrindo.

Depois de me despedir e desligar o telefone, me peguei olhando para as fotografias de família que ocupavam as prateleiras do meu escritório. A maioria era dos meus filhos. Vi os cinco, bebês e crianças; havia uma no Natal com todos eles, tirada alguns meses atrás. Ao lado desta ficava uma foto de Cathy. Peguei a moldura por impulso, pensando no sacrifício que ela tinha acabado de fazer.

Não, ela não estava empolgada com a ideia de me ver partindo por três semanas. Também não estava animada por ter que cuidar de cinco crianças sozinha. Cathy teria que carregar esse fardo enquanto eu viajaria pelo mundo.

Então por que ela tinha aceitado?

Como eu disse antes, minha esposa me entende como ninguém, e sabia que a minha vontade urgente de ir tinha menos a ver com a viagem em si e mais com o tempo que eu passaria com meu irmão.

Este livro fala sobre fraternidade.

É a história de dois irmãos, e a história de nossa família. Tem tragédia e alegria, esperança e amparo. É a história de como eu e Micah amadurecemos, mudamos e escolhemos caminhos diferentes na vida, mas, de alguma forma, acabamos ficando ainda mais próximos.

É, em outras palavras, a história de duas viagens: uma, que nos levou para lugares exóticos ao redor do mundo, e a outra, a viagem de uma vida inteira, que nos tornou melhores amigos.

CAPÍTULO 1



Muitas histórias começam com o aprendizado de uma simples lição, e a da nossa família não é exceção à regra.

No começo, nós, crianças, fomos concebidas. E a lição que aprendemos, pelo menos de acordo com a minha mãe católica, foi:

– Nunca se esqueça de que, independentemente do que a Igreja disser, o método da tabelinha *não* funciona.

Ergui os olhos para ela. Eu tinha 12 anos.

– Você quer dizer que todos nós fomos acidentes?

– Sim. Cada um de vocês.

– Mas bons acidentes, né?

– Do melhor tipo – respondeu ela, sorrindo.

Mesmo assim, depois de ouvir essa história, eu não tinha muita certeza do que pensar. Por um lado era óbvio que minha mãe não se arrependia de ter nos concebido. Mas, por outro, não era bom para o meu ego pensar em mim mesmo como um acidente, ou me perguntar se minha súbita chegada ao mundo fora resultado de uma dose exagerada de champanhe.

Essa história, porém, me ajudou a esclarecer algumas coisas. Eu sempre me perguntei por que nossos pais não esperaram um pouco mais antes de

ter filhos. Eles certamente não estavam prontos para essa responsabilidade, mas também não sei se estavam prontos para o casamento.

Meus pais nasceram em 1942, e, nos estágios iniciais da Segunda Guerra Mundial, meus dois avôs serviram no Exército. Meu avô paterno era oficial de carreira. Meu pai, Patrick Michael Sparks, passou a infância se deslocando de uma base militar para outra e ficou praticamente sob os cuidados da mãe. Ele era o mais velho de cinco irmãos e muito inteligente, tendo frequentado um internato na Inglaterra antes de ser admitido na Universidade Creighton em Omaha, Nebraska. Foi lá que ele conheceu minha mãe, Jill Emma Marie Thoene.

Assim como meu pai, minha mãe era a filha mais velha. Ela tinha mais três irmãos, e passou a maior parte da infância no Nebraska, onde desenvolvera um amor eterno por cavalos.

Meu avô materno era um empresário que administrara vários negócios diferentes no decorrer da vida. Quando minha mãe era adolescente, ele era dono de um cinema em Lyons, uma pequena cidade localizada bem ao lado da estrada que cruzava campos agrícolas. Segundo minha mãe, o cinema era parte da razão pela qual ela também havia frequentado o internato. Supostamente fora enviada para lá por ter sido pega beijando um garoto, embora, quando questionada sobre isso, minha avó negasse o ocorrido de forma resoluta.

– Sua mãe sempre foi uma contadora de histórias – informou-me vovó.
– Ela costumava inventar as coisas mais loucas só para ver a reação de vocês quando eram crianças.

– Então por que vocês a mandaram para um internato?

– Por causa dos assassinatos – respondeu minha avó. – Muitas garotas jovens estavam sendo mortas em Lyons naquela época.

Em todo caso, depois do internato, minha mãe também foi para a Universidade Creighton e suponho que as semelhanças em suas vidas tenham gerado o primeiro interesse mútuo. Qualquer que tenha sido a razão, eles começaram a namorar no segundo ano da faculdade e se apaixonaram. Namoraram por pouco mais de um ano e se casaram no dia 31 de agosto de 1963, aos 21 anos, um pouco antes de se formarem na faculdade.

Alguns meses depois o método da tabelinha falhou e minha mãe aprendeu a primeira de suas três lições. Micah nasceu em 1º de dezembro de 1964. Na primavera ela estava grávida de novo: eu cheguei no dia 31 de

dezembro de 1965. Na primavera seguinte já esperava minha irmã, Dana, e resolveu que dali em diante ela mesma cuidaria da questão do controle de natalidade.

Depois da graduação, meu pai decidiu fazer mestrado em administração na Universidade de Minnesota, então a família se mudou para os arredores de Watertown no outono de 1966. Dana, assim como eu, nasceu no dia 31 de dezembro, e minha mãe ficou em casa para cuidar de nós enquanto meu pai ia às aulas durante o dia e trabalhava como barman à noite.

Como eles não podiam gastar muito com aluguel, vivíamos a quilômetros de distância da cidade, numa pequena casa de fazenda que minha mãe jurava ser assombrada. Anos depois ela me disse que costumava ver e ouvir coisas tarde da noite – choros, risadas e sussurros –, mas, assim que levantava para ver se estávamos bem, os barulhos cessavam.

A explicação mais plausível era que ela estivesse tendo alucinações. Não por ser louca – minha mãe era, provavelmente, a pessoa mais estável que já conheci –, mas porque ela deve ter passado aqueles primeiros anos num mundo nebuloso de completa exaustão. E não estou falando do cansaço que se resolve facilmente colocando o sono em dia. Estou me referindo à interminável exaustão física, mental e emocional que faz uma pessoa parecer ter sido agarrada pelas orelhas e girada em círculos por horas antes de ser largada na mesa de jantar à sua frente.

A vida da minha mãe deve ter sido um inferno. Com 25 anos e três bebês em fraldas de *pano*, ela se isolou completamente durante os dois anos seguintes – a não ser nas ocasiões em que a mãe dela fazia uma visita. Não havia ninguém da família por perto para dar apoio. Éramos pobres e vivíamos no meio do nada. Minha mãe não podia nem se aventurar até a cidade mais próxima, pois meu pai ia com o carro para a faculdade e para o trabalho.

Acrescente a esse cenário dois invernos de Minnesota – com a neve literalmente cobrindo os muros –, subtraia o meu pai sempre ocupado, some as reclamações e choradeiras de crianças e bebês, e mesmo com tudo isso não acho que seja possível imaginar como ela deve ter sido infeliz.

Meu pai também não ajudava muito. Naquele momento, ele simplesmente não tinha como. Eu me perguntava com frequência por que ele não procurara um emprego normal, mas não tinha como, pois precisava conciliar o trabalho, os estudos e as aulas. Ele saía ao nascer do sol e voltava muito tempo depois de todos já estarem dormindo. Então, com exceção

de três crianças pequenas, minha mãe não tinha absolutamente ninguém com quem conversar. Ela deve ter passado dias, até mesmo semanas, sem ter uma única conversa adulta.

Por ser o mais velho, minha mãe incumbiu Micah de responsabilidades que estavam muito além da idade dele – certamente mais do que eu jamais atreveria confiar aos meus filhos hoje. Ela costumava encher as nossas cabeças com valores antiquados do meio-oeste, e o mandamento do filho mais velho logo se tornou: “É seu dever cuidar do seu irmão e da sua irmã, não importa o que aconteça.” E, mesmo aos 3 anos de idade, ele o fazia.



Micah ajudou a nos alimentar, a nos dar banho, a nos entreter e tomava conta de nós enquanto explorávamos o quintal. Existem fotos nos álbuns de família que mostram Micah ninando minha irmã enquanto lhe dava mamadeira, apesar de ele não ser muito maior do que ela.

Compreendi que aquilo fora bom para ele, pois uma pessoa precisa aprender a ter senso de responsabilidade. Não é algo que aparece magicamente só porque de repente você começa a precisar. Mas acho que, por Micah ter sido tratado tantas vezes como adulto, ele realmente acreditara

que era um adulto e que tinha alguns direitos. Suponho que isso o tenha levado a desenvolver uma personalidade teimosa e quase adulta de legitimidade muito antes de frequentar a escola.

De fato, minha primeira lembrança é do meu irmão. Eu tinha 2 anos e meio – Micah tinha um ano a mais – e era um fim de semana de verão. A grama se erguia a mais de 30 centímetros de altura. Meu pai estava se preparando para apará-la e havia tirado o cortador de grama do galpão. Micah amava o cortador de grama, e me lembro vagamente do meu irmão implorando ao meu pai para deixá-lo apará-la, apesar de ainda não ser forte o suficiente para manusear o aparelho. Meu pai negou, é claro, mas meu irmão – com todos os seus 13 quilos – não conseguia entender a lógica da situação. E, como ele me disse depois, também não estava disposto a tolerar aquele absurdo.

Então resolveu fugir.

Sei o que você está pensando. “Ele tem 3 anos e meio. Até onde conseguiria chegar?” Meu filho mais velho, Miles, também ameaçou fugir com essa idade, e eu e minha esposa respondíamos dizendo:

– Vá em frente. Só não passe da esquina.

Miles, gentil e temeroso que era, de fato não passava da esquina, onde podíamos vê-lo da janela da cozinha.

Mas o meu irmão não. Seu raciocínio foi mais ou menos assim: “Vou correr até bem longe e, como sempre tenho que cuidar dos meus irmãos, acho que precisarei levá-los comigo.”

E foi o que ele fez. Colocou a minha irmã de 18 meses no carrinho, pegou a minha mão e, esgueirando-se por trás da sebe para que nossos pais não nos vissem, ele começou a nos conduzir em direção à cidade. A propósito, ela ficava a mais de 3 quilômetros de distância, e o único jeito de chegar era atravessando uma rodovia movimentada de duas faixas.

Quase conseguimos. Eu me lembro de marchar pelos campos com o mato quase da minha altura, vendo as borboletas no céu de verão. Continuamos caminhando pelo que pareceu uma eternidade antes de finalmente alcançarmos a rodovia. Paramos ali – três crianças com menos de 4 anos e uma que ainda usava fraldas –, fustigados por poderosas rajadas de vento conforme caminhões e carros passavam a 90 quilômetros por hora a poucos metros de distância. Eu lembro que meu irmão disse:

– Você precisa correr rápido quando eu mandar.

Também me lembro das buzinas e dos pneus freando depois que Micah gritou “Corre!” e eu cambaleava pela rodovia, tentando acompanhar sua velocidade.

Não sei muito bem o que aconteceu depois. Lembro que fiquei cansado e com fome, e finalmente me enfiar no carrinho junto com minha irmã enquanto Micah nos carregava como um husky siberiano puxador de trenós atravessando a neve do Alasca. Mas também me lembro de ter sentido orgulho dele. Aquilo era divertido, era uma aventura. E, apesar de tudo, eu me sentia seguro. Micah cuidaria de mim, e minha mãe sempre dizia: “Faça o que o seu irmão mandar.”

Mesmo naquela época, eu obedeci. Ao contrário do meu irmão, eu cresci fazendo o que me mandavam fazer.

Algum tempo depois atravessamos uma ponte e subimos uma colina. Quando alcançamos o topo conseguimos ver a cidade no vale logo abaixo. Anos mais tarde, entendi que devíamos ter saído por horas – pernas curtas levam certo tempo para atravessar 3 quilômetros – e recordo vagamente quando meu irmão prometeu nos dar um pouco de sorvete. No mesmo instante ouvimos gritos, então olhei por cima do ombro vi a minha mãe correndo freneticamente em nossa direção, colina acima. Ela gritava “PAR-REM!” enquanto sacudia um mata-moscas sobre a cabeça.

A propósito, era com esse objeto que ela nos punia.

Meu irmão detestava o mata-moscas.

Micah era, de longe, a vítima mais frequente da punição pelo mata-moscas. Minha mãe gostava do método, pois, apesar de arder, não chegava a doer, e ainda fazia um estrondo quando batia na fralda ou nas calças. Era o som que realmente fazia efeito, pois parecia um balão estourando, e até hoje tenho uma estranha sensação de júbilo vingador quando mato insetos.

Pouco tempo depois Micah fugiu de novo. Ele se meteu em alguma encrenca, e dessa vez foi meu pai que pegou o mata-moscas. Àquela altura Micah já havia se cansado desse tipo de punição, então, quando viu meu pai alcançando o objeto, ele disse com firmeza:

– Você não vai me bater com isso.

Meu pai se virou, com o mata-moscas nas mãos, e foi aí que Micah saiu correndo. Sentado na sala de estar, observei meu irmão de 4 anos fugir da cozinha, passar por mim e subir as escadas com o nosso pai em seu

encalço. Escutei a algazarra no andar de cima enquanto Micah executava várias acrobacias inescrutáveis no quarto, e, momentos depois, ele corria outra vez escada abaixo, passando por mim, atravessando a cozinha e saindo com tudo pela porta dos fundos, movendo-se mais rápido do que eu jamais vira ele fazer.

Meu pai, bufando sem fôlego – consequência de ter fumado a vida toda –, desceu as escadas e o seguiu. Não vi nenhum dos dois por horas. Depois de escurecer, quando eu já estava na cama, ergui os olhos e vi minha mãe trazendo Micah para o quarto. Ela o colocou na cama e beijou sua bochecha. Apesar da escuridão, vi que ele estava imundo, coberto de sujeira. Parecia que tinha passado as últimas horas debaixo da terra. Assim que ela saiu, perguntei a ele o que tinha acontecido.

– Eu disse para o papai que ele não ia me bater com aquilo – explicou Micah.

– E ele bateu?

– Não, ele não me alcançou. E depois não conseguiu me encontrar. Sorri e pensei: “Eu sabia que você ia conseguir.”

CAPÍTULO 2

Alguns dias depois de enviar as informações sobre a viagem para Micah, o telefone tocou. Eu estava sentado no escritório, lidando com outro dia improdutivo de escrita. Quando atendi, Micah começou a falar quase imediatamente.

– Essa viagem é... fantástica – disse ele. – Você viu aonde nós vamos? Para a Ilha de Páscoa e para o Camboja! Vamos ver o Taj Mahal! Vamos para o interior da Austrália!

– Eu sei – respondi. – Não parece legal?

– É mais do que legal, é incrível! Você viu que vamos fazer um passeio de trenó na Noruega?

– É, eu sei...

– Vamos montar elefantes na Índia!

– Eu sei...

– Vamos para a África! África! Dá para acreditar?

– Eu sei...

– Isso vai ser ótimo!

– Então Christine deixou você ir?

– Eu disse que vou.

– Eu sei. Mas Christine aceitou sua decisão?

– Ela não ficou feliz, mas aceitou. Quero dizer... África! Índia! Camboja! Com o meu irmão! O que ela poderia dizer?

Ela poderia ter dito não, pensei. Eles tinham dois filhos – Peyton, com alguns meses de idade, e Alli, de 9 anos –, e Micah estava planejando ficar um mês fora pouco depois do primeiro aniversário de Peyton. Mas eu tinha certeza de que Christine, assim como Cathy, compreendia que Micah precisava me ver tanto quanto eu precisava vê-lo, embora por razões diferentes.

Como irmãos, passamos a depender um do outro em épocas de crise, uma dependência que só ficou mais forte com o passar dos anos. Tínhamos contado um com o outro no decorrer de dificuldades pessoais e emocionais, havíamos compartilhado os altos e baixos da vida. Aprendemos muito a nosso respeito ao nos conhecermos melhor, e, enquanto irmãos costumam ser próximos por natureza, comigo e com Micah essa relação ia um passo além. O som da voz do meu irmão sempre me lembra a infância que compartilhamos, e sua risada inevitavelmente traz à tona memórias distantes, imagens perdidas desdobrando-se sem aviso, como bandeiras ao vento.

– Alô? Nick? Você ainda está aí?

– Sim, estou aqui. Só estava pensando.

– Em quê? Na viagem?

– Não – respondi. – Estava pensando sobre as aventuras que tivemos na infância.

– Em Minnesota?

– Não, em Los Angeles.

– O que o fez pensar nisso?

– Não sei direito – admiti. – Às vezes acontece.

Em 1969, nossa família se mudou dos invernos frios de Minnesota para Inglewood, na Califórnia. Meu pai tinha sido aceito no programa de doutorado da Universidade do Sul da Califórnia, e fomos viver numa região pobre bem no centro de Los Angeles. A comunidade para onde nos mudamos ainda fervilhava com as memórias furiosas dos Tumultos de Watts de 1965. Éramos uma das poucas famílias brancas no complexo de apartamentos detonado que passamos a chamar de lar, e tínhamos como vizinhos prostitutas, traficantes de drogas e membros de gangues.

Era um imóvel pequeno com dois quartos, uma sala e uma cozinha, mas tenho certeza de que a minha mãe enxergou aquilo como um grande progresso em relação à sua vida em Minnesota. Mesmo sem contar com o apoio da família, pela primeira vez em dois anos ela teria vizinhos com quem conversar, ainda que fossem diferentes das pessoas com quem cresceram no Nebraska. Ela também podia ir andando até o mercado para fazer compras, ou pelo menos caminhar pelas ruas e ver gente.



As crianças costumam venerar os pais, e eu não era diferente. Com olhos castanho-escuros, cabelos escuros e pele branca como leite, eu achava minha mãe linda. Apesar das dificuldades enfrentadas em nossos primeiros anos de vida, não tenho nenhuma lembrança dela descontando suas frustrações em nós. É uma daquelas mulheres que nasceram para ser mãe, e seu amor por nós era incondicional. Em muitos sentidos éramos a *vida* dela. Ela sorria mais do que qualquer outra pessoa que já conheci. E não eram sorrisos falsos, que parecem forçados e nos dão arrepios. Os sorrisos de mamãe eram autênticos e deixavam qualquer pessoa com vontade de correr para os braços dela, sempre abertos para nós.

Meu pai, por outro lado, ainda era um mistério. Com cabelos ruivo-amarelados, ele tinha sardas e costumava sofrer com queimaduras solares. Era o único da família que gostava de música. Tocava gaita e violão, e asso-

biava compulsivamente quando estava estressado, o que parecia acontecer o tempo todo. Não que alguém pudesse culpá-lo. Em Los Angeles ele se acomodou à mesma rotina cansativa que tinha em Minnesota: frequentava aulas, estudava e trabalhava à noite como faxineiro e garçom para nos prover com as necessidades básicas. Mesmo assim ainda dependia da ajuda dos próprios pais e dos sogros para pagar as despesas.

Quando estava em casa, meu pai costumava ficar preocupado a ponto de parecer distraído. A memória mais consistente que tenho dele é de vê-lo sentado à mesa com a cabeça inclinada sobre um livro. Um verdadeiro intelectual. Não era o tipo de pai que gostava de jogar bola, andar de bicicleta ou fazer caminhadas, mas, como nunca tivéramos uma experiência diferente, aquilo não nos incomodava. Em vez disso, o seu propósito – para nós, crianças, em todo caso – era nos prover e disciplinar. Se saíssemos do controle – algo que fazíamos com uma frequência surpreendente –, minha mãe nos ameaçava dizendo que contaria tudo ao nosso pai quando ele voltasse para casa. Não sei por que isso nos aterrorizava tanto, já que ele não era agressivo. Acho que simplesmente não o conhecíamos.

Os anos que passamos em Minnesota nos uniram como irmãos. Por muito tempo Micah, Dana e eu fomos os únicos amigos que tivemos, e em Los Angeles aquilo não mudou. Dividimos o mesmo quarto e os mesmos brinquedos e estávamos quase sempre juntos. Nas manhãs de sábado ligávamos a TV para ver desenhos e passávamos horas brincando com bonecos da antiga coleção de caubóis Johnny West. Os bonecos incluíam a família West (Johnny, Jane e as crianças), soldados (o general Custer e o capitão Maddox), um fora da lei (Sam Cobra) e índios (Geronimo, chefe Cherokee e Águia Feroz), além de parafernália que incluíam fortes, carroças de caubói e rebanhos de gado. No decorrer dos anos acho que juntamos cada item da coleção umas três ou quatro vezes. Brincávamos com os bonecos inventando uma aventura após outra, até eles literalmente caírem aos pedaços.

Como minha irmã era a mais nova, ela costumava ficar em casa com a minha mãe enquanto eu e meu irmão pouco a pouco começamos a descobrir o mundo lá fora. Meus pais pareciam acreditar – um tanto ingenuamente, penso hoje – que ficaríamos seguros na companhia um do outro, não importava quão perigosas fossem as ruas, e nos deixavam explorar a vizinhança sozinhos antes mesmo de eu fazer 5 anos. Apenas exigiam que

voltássemos para casa na hora do jantar. Nem minha mãe nem meu pai se deram o trabalho de estabelecer limites quanto à distância que podíamos percorrer, desde que mantivéssemos nossa parte do acordo, e essa foi uma liberdade que Micah e eu levamos ao extremo.

Aonde quer que meu irmão fosse, eu o acompanhava, com um senso cada vez maior de adoração. Passávamos as tardes explorando apartamentos abandonados ou conversando com nossas vizinhas adultas enquanto elas ficavam na calçada esperando clientes. Podíamos ficar horas observando adolescentes consertarem carros no estacionamento, e às vezes nos sentávamos nos degraus com vários membros de gangues enquanto eles tomavam cerveja e agarravam as namoradas. Era muito divertido, sempre havia algo para ver e fazer, e, mesmo quando alguns tiros soavam a distância, não ficávamos muito assustados.

Por alguma razão, estávamos seguros ali. Talvez porque todos, até mesmo os membros de gangues, soubessem que não éramos uma ameaça e que provavelmente tínhamos ainda menos dinheiro do que eles. Éramos muito pobres.

Fomos criados à base de uma dieta de leite em pó, batatas e aveia. Só quando entrei na escola foi que descobri que o leite vinha na forma líquida. Nunca saíamos para comer, visitar museus, ver jogos de futebol nem sequer ir ao cinema. O carro que meu pai comprara para ir ao trabalho e à universidade custara menos de 100 dólares. Quando começamos a ir à escola, ganhávamos um par de sapatos e uma calça nova por ano. Se as roupas rasgassem, minha mãe passava ferro nos remendos até parecer que eles faziam parte do design dos jeans. Nossos poucos brinquedos de montar e os já mencionados bonecos Johnny West foram todos presentes de Natal ou de aniversário. Paramos de pedir qualquer coisa que aparecesse pela frente quando íamos à alguma loja com mamãe.

Só hoje me dou conta de que provavelmente vivíamos bem abaixo da linha da pobreza. É certo que não sabíamos disso na época e, para ser honesto, nem nos importávamos. Além disso, minha mãe não teria tolerado reclamações de nossa parte. Ela acreditava muito em força de caráter. Detestava birras, choros e desculpas, e estava determinada a eliminar essas características de seus filhos. Se disséssemos algo como “Mas eu quero isso!”, sua resposta era sempre a mesma. Ela dava de ombros e respondia, com o tom de voz inalterado:

– Que pena, filho. O que você quer e o que você tem costumam ser duas coisas completamente diferentes.

Sua opinião sobre força de caráter assustaria a maior parte dos pais de hoje. Quando Micah entrou na escola, por exemplo, os ônibus escolares estavam sendo usados para forçar uma integração maior com as escolas do centro da cidade. Consequentemente, não tinha vaga para ele na escola perto de casa. Então, meu irmão tinha que caminhar mais de um quilômetro e meio até o ponto de ônibus, percorrendo vias movimentadas, bairros violentos e até pegando um atalho por um ferro-velho.

No primeiro dia do jardim de infância, ela acompanhou Micah até o ponto de ônibus. No dia seguinte ele foi sozinho. Depois de uma semana ele contou que algumas garotas mais velhas, do oitavo ano ou algo assim, mas imensas para uma criança no jardim de infância, tinham-no encurralado no ferro-velho e roubado seu dinheiro para o leite. Elas o haviam ameaçado, dizendo que, se ele não lhes desse um trocado todos os dias, elas o machucariam.

– Elas disseram que vão me encher de pancadas – choramingou Micah.

Existem muitas formas de um pai ou uma mãe lidar com esse tipo de situação. Minha mãe poderia ter começado a levar Micah até a escola, por exemplo, ou ter ido com ele um dia, confrontado as garotas e ameaçado chamar a polícia se outro incidente ocorresse. Ela também poderia ter tentado descobrir quem eram os pais das garotas e conversado com eles, ou encontrado alguém da escola que pudesse dar uma carona. Talvez ela pudesse até mesmo ter falado com alguém da escola.

Mas essas opções não eram válidas para a minha mãe. Depois que Micah contou a história, ela se levantou da mesa e deixou a sala por alguns minutos. Quando voltou estava carregando uma velha lancheira do ator e cantor norte-americano Roy Rogers, enferrujada e amassada, que pertencera ao seu irmão mais novo, e disse:

– Amanhã vamos colocar o seu lanche aqui dentro em vez de usar o saco marrom. Se elas tentarem tirar o seu dinheiro, acerte-as com a lancheira. Assim...

Posicionando o braço como uma domadora de leões, ela começou a demonstrar o movimento, balançando a lancheira num arco amplo, enquanto Micah, sentado à mesa, observava.

No dia seguinte meu irmão de 6 anos marchou para a escola com a velha lancheira. E, cumprindo a ameaça, as garotas o cercaram quando ele não

quis dar o dinheiro. Assim que a primeira avançou para cima dele, Micah fez exatamente o que a minha mãe havia ensinado.

Naquela noite, em nosso quarto, ele me contou o que tinha acontecido:

– Eu balancei com toda a minha força – disse Micah.

– Você não ficou assustado?

Apertando os lábios, ele assentiu.

– Mas eu continuei balançando e acertando as garotas até elas saírem correndo e chorando.

As meninas nunca mais o incomodaram.

Em 1971 nos mudamos de novo, desta vez para Playa del Rey – outra região de Los Angeles. Por razões óbvias (os tiroteios noturnos começaram a soar muito perto), nossos pais acharam que o novo local seria mais seguro para nós do que Inglewood.

Àquela altura eu já estava no jardim de infância, mas, por causa do ano que nos separava e do programa de integração racial nas escolas, eu e Micah fomos parar em escolas diferentes. Enquanto os alunos da minha turma pareciam estudantes de qualquer subúrbio de Iowa, o ônibus de Micah o levou para uma das escolas no centro da cidade, em uma classe na qual ele era a única criança branca.

Mas continuamos passando as tardes juntos e fazíamos as mesmas coisas que costumávamos fazer em Inglewood. Éramos dois garotos pequenos sem medo do mundo. Saíamos do condomínio e passávamos horas indo para qualquer lugar – caminhávamos alguns quilômetros até o cais, onde víamos os barcos ancorados; escalávamos pontes e postes em busca de ovos de aves; ou então explorávamos casas vazias e decadentes atrás de algo interessante que pudesse ter sido deixado para trás. Em outras ocasiões seguíamos na direção oposta partindo do nosso condomínio, atravessávamos algumas avenidas e pulávamos algumas cercas para visitar a escola de ensino médio. No fim das tardes ela costumava estar vazia, e adorávamos os campos abertos, muito maiores do que os das nossas escolas.

Gostávamos de apostar corridas, brincar de se esconder ou então simplesmente caminhar pelos corredores, olhando para as salas de aula. Um dia vimos um corvo nas árvores, o que nos deixou muito entusiasmados. Começamos a segui-lo enquanto ele voava de uma árvore para outra. Depois daquele dia, sempre que visitávamos a escola íamos em busca do

corvo, e, surpreendentemente, ele quase sempre estava lá. Chamávamos o pássaro por um tempo e então procurávamos outra coisa para fazer. Mas não demorava muito para vermos o corvo de novo, em alguma das árvores perto de onde estávamos brincando. Pouco tempo depois não conseguíamos mais ir para qualquer lugar perto da escola sem ver o corvo. Ele estava sempre por perto. O corvo, logo percebemos, estava nos seguindo.

Começamos a alimentá-lo. Jogávamos um pedaço de pão no chão e o corvo dava um rasante para comer e depois saía voando. Aos poucos ele passou a ficar no chão por tempo suficiente para nos aproximarmos. Então passamos a dar ameixas para ele, e o corvo ficou mais confortável com nossa presença. Chegamos ao ponto em que podíamos segurar a ameixa no chão com o braço estendido e ele se aproximava sem hesitar e começava a comer. O animal estava virando uma espécie de bicho de estimação, e começamos a tratá-lo dessa forma. Pegamos a câmera da mamãe e conseguimos tirar fotos dele em close-up, que exibíamos com orgulho quando o filme era revelado. Nós o chamamos de Blackie. Blackie era legal. Blackie era demais. Blackie, acabamos descobrindo, era um monstro.

Por mais interessados que estivéssemos pela ave, percebemos que ela tinha adquirido um interesse ainda maior por nós. Especialmente por nossos cabelos. Éramos louros, por isso nossos cabelos reluziam ao sol, e ficamos sabendo que corvos adoram coisas brilhantes. Eles também constroem ninhos. Juntando as duas afirmações, dá para imaginar o que aconteceu em seguida.

Estávamos na escola certa tarde quando, de repente, Blackie veio voando em nossa direção, descendo em voos rasantes sobre as nossas cabeças como um avião de combate atacando um navio. Ele grasnava, e resolvemos dar o fora. Blackie nos seguiu.

Sua envergadura pareceu ter crescido exponencialmente da noite para o dia e logo corríamos a toda gritando desesperados enquanto Blackie zumbia sobre as nossas cabeças. Encontramos um esconderijo temporário perto de algumas lixeiras e tentamos pensar num jeito de voltar para casa. Finalmente arriscamos sair do esconderijo e, vendo que a barra estava limpa, saímos correndo.

Acompanhar Micah era impossível, e eu fui diminuindo o passo aos poucos. Naquele instante Blackie desceu com tudo e pousou na minha cabeça, e essa foi a coisa mais aterrorizante que aconteceu na minha infância.

Entrei em pânico, sem conseguir respirar, incapaz de mover um músculo. Senti as garras de Blackie tentando escavar meu couro cabeludo, e – para piorar o horror – a ave começou a bicar com força, sua cabeça subindo e descendo como as bombas de petróleo em Oklahoma. Eu gritei. Blackie me bicou com mais força. E foi assim que a coisa se desenrolou. Bicada, grito. Bicada, grito. Bicada, grito. Parecia que o corvo estava tentando abrir um buraco no meu crânio para sugar meu cérebro.

Eu lembro vagamente que meu irmão havia desaparecido do meu campo de visão – ele não sabia que Blackie tinha voltado – até o primeiro grito. Dando meia-volta, Micah correu na minha direção, berrando que eu tinha que empurrar o corvo para longe. Mas eu estava atônito, imobilizado. Tudo o que consegui fazer foi ficar parado enquanto Blackie tentava me matar, uma bicada por vez.

Micah, claro, sabia o que fazer. Gritando e balançando as mãos como um louco, ele conseguiu desalojar a ave demoníaca do meu escalpo. Em seguida, enquanto Blackie continuava mergulhando em nossa direção, Micah tirou a camisa e a balançou como uma bandeira. Finalmente o corvo recuou para a segurança das árvores.

No caminho de volta para casa fiquei constrangido por ter sentido tanto medo. Mas Micah não. Ele tinha encarado Blackie enquanto eu entrava em pânico. Ele lutou, e eu fiquei paralisado. Passei a acreditar que meu irmão, ao contrário de mim, era capaz de qualquer coisa. E, enquanto me esforçava para acompanhar seu passo, tudo o que eu queria era ser como ele.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br